

OS CADERNINHOS

Elke Coelho

Resumo: O presente relato de experiência tece observações e reflexões a partir dos cadernos de anotações que constituí nos últimos vinte anos. Nomeados como caderninhos, esses objetos registram, de forma minuciosa, as diversas instâncias que perpassam a minha produção em arte, tornando-se um importante instrumento de trabalho a serviço do poético.

Palavras-chave: Caderno de artista. Processos artísticos. Arte contemporânea.

THE LITTLE NOTEBOOKS

Abstract: This experience report draws observations and reflections from the notebooks I have kept over the last twenty years. Known as little notebooks, these objects minutely record the various instances that pervade my art production, becoming an important working tool at the service of the poetic.

Keywords: Artist's notebook. Artistic processes. Contemporary art.

Os cadernos de anotações fazem parte da minha trajetória desde o segundo ano da graduação.¹ Não me refiro a qualquer caderno, mas aos caderninhos. O diminutivo, neste caso, não se vincula ao tamanho desses objetos, mas ao afeto e cuidado depositados neles. Os caderninhos são feitos artesanalmente por mim e se tornaram, com o passar do tempo, importantes instrumentos de trabalho. Os conteúdos desses cadernos são extremamente heterogêneos: trazem projetos expográficos, reproduções impressas de obras de arte, folhas e flores secas, transcrição de trechos de livros, escritos que versam sobre dados cotidianos, desenhos, bilhetes e adesivos ganhados, orçamentos e notas fiscais, entre tantas outras coisas. Por meio da pequena descrição que efetuei é possível perceber as múltiplas funcionalidades do caderno, ora enquanto espaço projetivo de obras de arte, ora como diário íntimo, ou ainda enquanto campo de estudo sobre arte. Não me preocupo com essas funções e a maneira como, no âmbito do caderninho, elas se manifestam hibridamente; ocupo-me apenas em registrar em um mesmo lugar tudo aquilo que, de uma forma ou de outra, se relaciona ao que considero importante, ou seja, ao poético.

Nos caderninhos, tudo deve estar a serviço do poético, seja ele um trecho de um livro de Clarice Lispector, um palito de fósforo ou um orçamento de caixas de acrílico. No caderninho, as importâncias se nivelam em suas desimportâncias, em suas essenciais inutilidades. O caderninho traz tesouros que são valiosos para mim e, justamente por isso, são matéria-prima direta e indireta para a minha produção artística. A partir do momento que uma ideia, uma inquietação, uma materialidade, uma leitura, uma imagem, um desespero, uma dúvida ou um afeto são registrados no caderninho, é possível retornar, rever, rearticular e desdobrar aquilo que, a princípio, era quase nada.

Esses cadernos também registram as conversas que estabeleço com meus trabalhos,² com o de outros artistas, com colegas e conhecidos

1 Realizada na Universidade Estadual de Londrina (PR), entre os anos de 2002 e 2006.

2 Para mais informações, acessar: *Área de Risco*. Tese (Doutorado), junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo (Santana, 2014) e *Delicadezas Incisivas*: ensaios materiais com pequenos objetos cotidianos. Dissertação (Mestrado), junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (Santana, 2009).



e, principalmente, com a literatura. Assim, mais do que registros de uma especialista ou estudiosa de literatura, os caderninhos trazem recortes de narrativas alheias, colocando em relevo frases e palavras que de alguma forma me representam e, ao adentrarem meu caderno, também se tornam meus discursos; como se eu pudesse falar, por meio dos poemas de João Cabral de Melo Neto, sobre a densidade e beleza das pedras, lâminas e lama, ou ainda, apropriando-me das narrativas de Clarice Lispector, eu pudesse explicitar o irremediável mistério que existe em todas as coisas, principalmente naquelas consideradas banais e cotidianas.

As reproduções de imagens de outros artistas, ou fragmentos delas, quase figurinhas, quando adentram os caderninhos, não almejam inventariar iconograficamente essas produções, mas apenas buscam, por meio da apropriação desprentensiva, aproximações: olhar amiúde para não esquecer que elas existem e têm suas importâncias. Da mesma forma que na vida constituímos a nossa família eleita, ou seja, inserimos em nossos campos afetivos sujeitos que não partilham do mesmo sangue que o nosso, acredito que, no campo da arte, também temos a nossa família artística, produções que de alguma forma nos afetam, cujos discursos nos contam enquanto sujeitos, obras que fazem, mesmo vistas muitas e muitas vezes, com que os nossos olhos fiquem inquietos, que a mente se sinta provocada e que o coração bata mais forte. É por meio destes critérios, ou não critérios, tamanha a porosidade dessas escolhas, que aparecem em meus caderninhos imagens de obras de Giorgio Morandi, Vânia Mignone, José Leonilson, Paul Klee, Rivane Neuenschwander, Jorge Macchi, Gabriel Orozco, Gustav Klimt, Vincent Van Gogh, Alberto Giacometti, Mira Schendel, Tunga, entre tantas outras.

Uma obra de arte me encanta por aquilo que vejo nela, que conheço e reconheço, ou seja, que gera espelhamento, mas também por um mistério irremediável que me escapa e, por isso, faz meu olhar retornar centenas de vezes àquele trabalho em busca de uma (im)possível completude. Então, a maior parte das obras não só me encantam por aquilo que sei a partir delas, mas, principalmente, por aquilo que elas insistem em me perguntar e que eu ainda não sei. Deve ser por isso que, desde a graduação até os dias atuais, retorno, por meio do caderninho, à produção de alguns artistas.

Os cadernos falam, entre muitos outros discursos que podem emanar, que uma produção em arte é constituída por uma gama grande, diversa

e constante de elementos que perpassam a percepção do artista. A função do meu caderno, grosso modo, é assentar parte dessas coisas, registrá-las, lembrá-las, retomá-las e reprocessá-las. O caderno, mesmo sendo uma coisa aqui e agora, também é o lugar do vir a ser. As publicações *Coisas de Iracema* (2017), *Outras coisas de Iracema* (2020) e *Paisagens em Iracema* (2023), de minha autoria, antes de serem livros, eram um conjunto de frases anotadas nos cadernos durante anos; o mesmo posso dizer a respeito da série de desenhos intitulada *Ontem o dia estava assim* (2007-2017). Os títulos dos meus trabalhos artísticos, ou as palavras que acompanham os objetos na série *Quando criança o verme sonhava em ser...* (2012-2013), também saíram dos cadernos e, em tempos distintos, foram recolhidas de leituras, redescobertas em meio a tramas literárias de autores como Ana Martins Marques, João Anzanello Carrascoza, Noemi Jaffe, Mia Couto, Valter Hugo Mãe, Alejandra Pizarnik, Matilde Campilho e Alejandro Zambra, por exemplo.

Considero os meus cadernos de anotações bonitos, sabendo do alto grau de indeterminação que a palavra beleza instaura aqui ou em qualquer instância no campo da arte. O adjetivo empregado não se vincula, essencialmente, à caligrafia regular e retilínea empregada em todas as páginas, não apenas. A caligrafia, mais do que explicitar aptidões técnicas tão valorizadas em um passado não tão distante no campo da arte, e até os dias atuais no campo da artesanaria, fala mais de cuidado, de paciência e de tempo do que de técnica. Em um mundo onde tudo tem que ser realizado da maneira mais rápida e eficaz possível, cuidar da inutilidade de uma escrita morosamente desenhada em um caderno particular, soa, egoisticamente ou não, como uma forma de salvação e, ao mesmo tempo, de subversão.

Uma amiga, e também pesquisadora-artista-professora, não necessariamente nesta ordem, ou melhor, em ordens distintas, dependendo das demandas, me disse, ainda na época do mestrado, que os meus pensamentos e, conseqüentemente, minhas ações no campo da arte procuram lentidão, morosidade, tempo. “Como chegar em determinado resultado formal e sensório da maneira mais devagar possível?” – é como se esta pergunta fosse capaz de gerar uma engrenagem poética em mim. Talvez seja uma necessidade de estar demoradamente com as coisas que fez com que eu lixasse centenas de lâminas, caixas de acrílico e bolinhas de pingue-pongue, além de cortar milhares de cotonetes

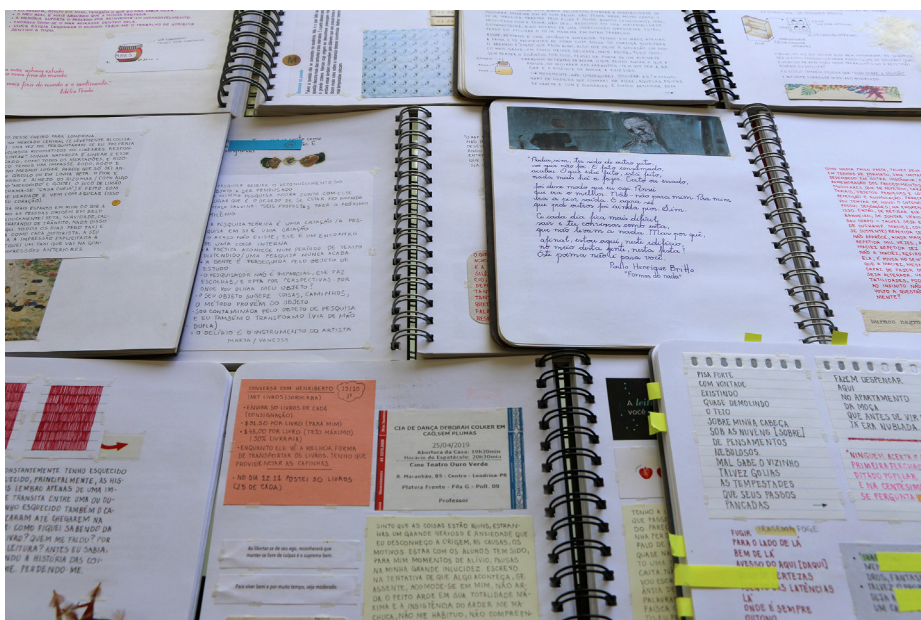


e ordenar mais outros tantos diminutos objetos. Tudo isso para gerar campos materiais sensórios, lidando com os materiais um a um. Trabalho de formiguinha que já se mostrava, desde muito cedo, na caligrafia regular presente nos caderninhos.

A meu ver – e em consonância com as reflexões postas por Aline Dias no livro *Caderno de desenhos* (2011) –, os cadernos são importantes para mim e, quiçá, para outros pesquisadores em arte, não porque eles delatam particularidades da vida de um sujeito em específico, mas porque registram, de maneira paulatina e persistente, processos artísticos e suas relações com o cotidiano. Uma embalagem de chocolate agregada a uma das páginas pode dizer que eu gosto de chocolate, mas, se nem todas as embalagens de chocolate que comi estão agregadas ali, naquele espaço, talvez seja porque aquela em específico registre ornamentos delicados que formam uma estampa, que fale sobre desenho, que traga uma paleta específica de cores, que verse sobre memória e experiência. Essas características, muito mais que o apreço pelo gosto do chocolate, se fazem presentes em minha produção.

Chego a pensar que, daqui há muitos anos, quando eu não mais existir por aqui enquanto corpo físico, se alguém se interessar por algo que eu tenha feito no campo das artes visuais, desconfio que o que será considerado enquanto arte serão os meus caderninhos. Para mim, a despreensão, constância, minúcia e silêncio com que eles são produzidos aproxima-os muito de um sincero grau de expressão, tão franco que talvez fale de algo que perpassasse não apenas a minha existência, mas tangencie as raízes daquilo que constituiu o humano e, por isso mesmo, diga respeito a um contingente maior de pessoas.

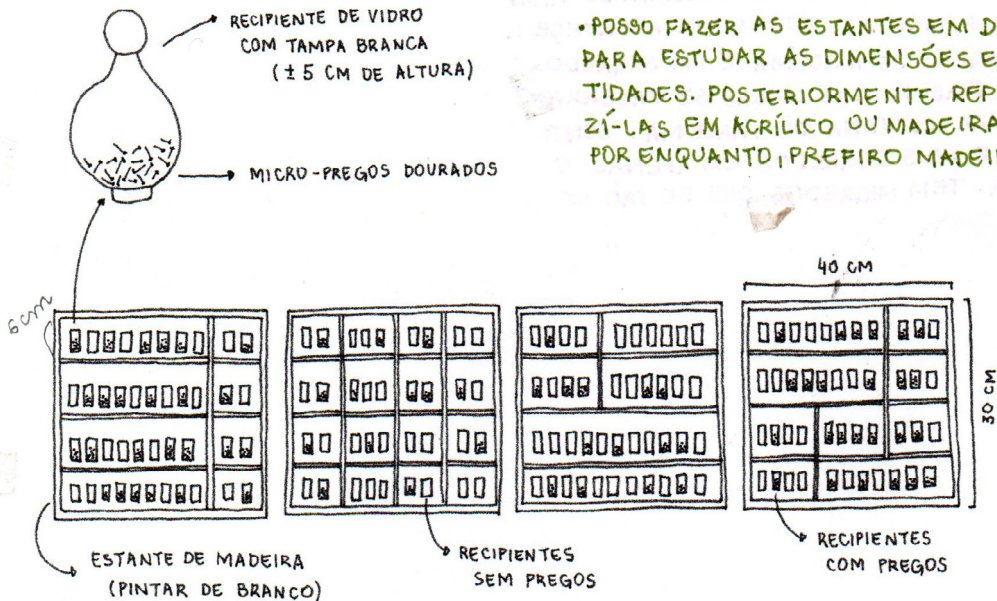
Se uma página repleta de pequenas pétalas de flores agregadas no papel com pedacinhos de fita *micropore* aponta para estados de afeto e solidão, entendo que a flor é o dado individual, o meio, enquanto o afeto e a solidão são os dados universais. Então, a meu ver, se os caderninhos tiverem algum valor, ele reside, justamente, naquilo que ele é capaz de registrar enquanto vestígio sensível do humano, de uma pessoa em particular, claro, mas que no fundo não se difere de tantas outras que existem por aí.



Figuras 1-2: Elke Coelho. *Caderninhos*, 2003-2024, dimensões variáveis.
Fonte: arquivo da artista.

RESÍDUOS

- POSSO FAZER AS ESTANTES EM DAIFON PARA ESTUDAR AS DIMENSÕES E QUANTIDADES. POSTERIORMENTE REPRODUZÍ-LAS EM ACRÍLICO OU MADEIRA. POR ENQUANTO, PREFIRO MADEIRA.



- HÁ PRINCÍPIO GOSTARIA DE PRIORIZAR O FORMATO QUADRANGULAR DE CADA ESTANTE. PARA ISSO PENSO QUE CADA ESTANTE TERÁ 5 PRATELEIRAS, OU SEJA, ABRIGARÁ CERCA DE 50 VIDRINHOS.
- QUANTAS ESTANTES? EU NÃO SEI... QUANTAS SÃO NECESSÁRIAS. NÃO SEI PORQUE, MAS, NESSE TRABALHO 6 ESTANTES PARECE-ME UM NÚMERO BOM. DEPENDENDO DA LARGURA DA PAREDE, POSSO ARTICULÁ-LAS EM 3 OU EM DUAS.



- TAMBÉM, ALGUMAS PRATELEIRAS PODEM ESTAR VAZIAS. ALGUMAS AUSÊNCIAS

- ESSAS POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO NO ESPAÇO AGRADA-ME MUITO; PENSAR QUE O TRABALHO PODE SER IGUAL E DIFERENTE, DEPENDENDO DA SITUAÇÃO.



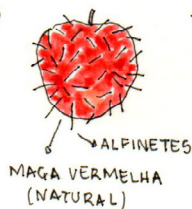
"Meu silêncio é minha lâmina." (Nuno Ramos, "0")

EXPOSIÇÃO CRICIÚMA

• VI UM LIVRO NA LIVRARIA CULTURA CHAMADO "LIVROS"; ERA UMA REUNIÃO DE TRABALHOS DE UMA ARTISTA CHAMADA HELENA TRINDADE. O MATERIAL SE REFERE A UMA GRANDE EXPOSIÇÃO REALIZADA POR ESSA ARTISTA, COM INSTALAÇÕES, OBJETOS, SITE-SPECIFIC, AMBIENTES. ACHEI O TRABALHO INTERESSANTÍSSIMO, TALVEZ PORQUE EU ACHO QUE O PENSAMENTO DE HELENA TRINDADE SE INTERSECCIONA COM O MEU: UMA ATENÇÃO PARA COM A PALAVRA, OS OBJETOS COTIDIANOS, O DELICADO, O INCISIVO, O BRANCO (ELA COBRE VÁRIOS OBJETOS - CADEIRAS, TECIDOS - COM UM MATERIAL ORGÂNICO, BRANCO, REPLETO DE TACTILIDADE. SERÁ QUE É PARAFINA?). ALÉM DA ARTICULAÇÃO COM PEGAS PROVINDAS DE MÁQUINAS DE ESCRIVER (EM ESPECIAL TECLAS), CHAMOU-ME A ATENÇÃO EM SUA PRODUÇÃO OS OBJETOS: MÁQUINA DE ESCRIVER SEM TECLADO; RATOeira COM PALAVRAS; SERROTE COM PALAVRAS. GOSTO DISSO: A FUNCIONALIDADE DO OBJETO ESTÁ LÁ, MODIFICOU-SE ALGUMA COISA EM SUA ESTRUTURA FÍSICA QUE EXPANDE A SIGNIFICAÇÃO DAQUELE OBJETO; NOS APRESENTA UMA SITUAÇÃO OUTRA QUE OBJETO PODE METAFORIZAR; A MÁQUINA FEITA PARA ESCRIVER EMANA O SILÊNCIO ABSOLUTO DAS PALAVRAS; PODE-SE SERRAR COM PALAVRAS.

• AO VER O LIVRO SOBRE O TRABALHO DE TRINDADE, DEU-ME VONTADE DE RETOMAR A PRODUÇÃO DE OBJETOS. ACHO QUE NESSA EXPOSIÇÃO POSSO TENTAR RETOMAR ESSES TRABALHOS:

①



* MAÇA OU, MAÇAS. ALFINETES. MUITOS ALFINETES. AINDA NÃO SEI A QUANTIDADE DE MAÇAS: UMA, DUAS, TRINTA? MAÇAS VERDES OU VERMELHAS? AS DUAS?

PARA DECIDIR ESSAS QUESTÕES, TENHO QUE DECIDIR E PENSAR AS QUESTÕES QUE PARA MIM SÃO CARAS. O TÍTULO PODE SER UM ELEMENTO IMPORTANTE: "CONFIDÊNCIAS"; "LEMBRANÇAS"; NÃO SEI, TENHO QUE PENSAR EM UMA PALAVRA QUE NÃO SEJA TOTALMENTE PASSIONAL, MAS SE REFIRA A ESSE UNIVERSO, O TÍTULO EM FRANCÊS TAMBÉM PODE SER BEM-VINDO.

CORAÇÃO → S.M. 1. ÓRGÃO OCO, MUSCULAR, SITO NA CAVIDADE TORÁXICA, FORMADO DE DUAS AURÍCULAS E DOIS VENTRÍCULOS, E QUE RECEBE O SANGUE E O BOMBEIA MEDIANTE MOVIMENTOS RITMADOS.

"ÓRGÃO OCO" PARECE-ME INTERESSANTE.



ISSO PODE ATÉ DESEMBOLCAR EM UMA INSTALAÇÃO: COBRIR UMA SALA (O CHÃO) COM MAÇAS. POSSO TENTAR PASSAR FOLHA DE OURO EM ALGUMAS... A COISA JÁ COMEÇA A SE DESDOBRAR EM VÁRIOS TRABALHOS.

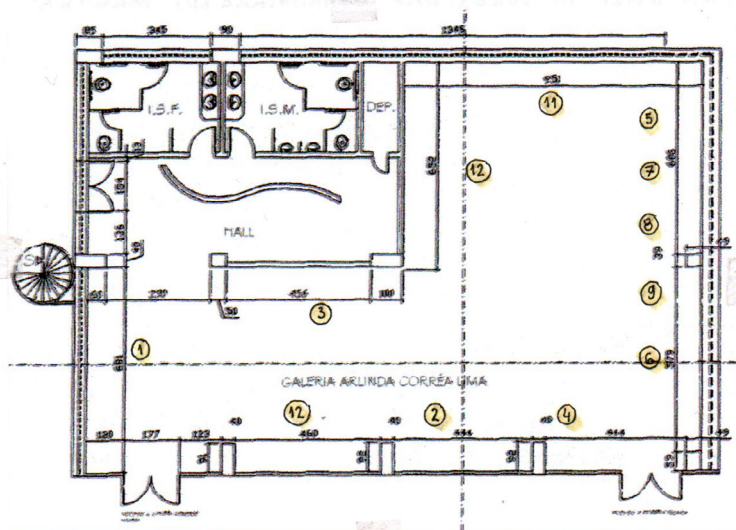
TAMBÉM, POSSO LOTAR AQUELA ESTRUTURA COM MAÇAS, BEM VERMELHINHAS... ALGUMAS DOURADAS...

POSSIBILIDADES: A. MAÇA EM REDOMA E ALMOFADINHA, COM ALFINETES. B. SALA FORRADA COM MAÇAS VERMELHAS E ALGUMAS DOURADAS. C. LOTAR ESTRUTURA COM MAÇAS VERMELHAS E ALGUMAS DOURADAS.

PENSO QUE O OBJETO E A INSTALAÇÃO PODEM ESTAR NA MESMA EXPOSIÇÃO, APENAS EM SALAS DISTINTAS.



FUNDAÇÃO CLOVIS SALGADO
(GALERIA ARLINDA CORREIA LIMA)



• CARACTERÍSTICAS GALERIA:

- ANTIGA ESCOLA GUIGNARD / EXPOSIÇÕES DE PEQUENO E MÉDIO PORTE / PÉ DIREITO:
3,95 m / COMPRIMENTO : 32 m / LARGURA : 8,6 m

• PROPOSTA: (NESTA ORDEM / A4)

1. MEMORIAL DESCRITIVO
2. PROJETO EXPOGRÁFICO
3. FOTOS COLORIDAS (MÁX. 20 - MÍN. 10)
4. ATÉ 3 PEÇAS GRÁFICAS
5. CURRÍCULO SUCINTO
6. CÓPIA RG E CPF
7. FICHA DE INSCRIÇÃO
8. ENVELOPE SELADO (PARA DEV.)

✓ ENVIAR CARTA REGISTRADA COM A.R.

• PENSANDO A EXPOSIÇÃO: A GALERIA PARECE PEQUENA, MAS ELA É BEM GRANDE; NÃO SEI SE TENHO TRABALHO SUFICIENTE PARA OCUPAR O ESPAÇO DE UMA FORMA LEGAL. TENHO QUE É PENSAR QUE OS ESPAÇOS EM BRANCO (PAREDES VAZIAS) SÃO DADOS IMPORTANTES PARA MIM: É SILÊNCIO, É RESPIRO. PENSAR COMO OS TRABALHOS PODEM SE RELACIONAR COM O SILÊNCIO DO ESPAÇO.

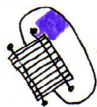


E QUANDO AINDA ERA MENINA, IRACEMA SUMIA.
ERA FORMIGA TRANSITANDO SOBRE A TOALHA XADREZ
DA MESA DE MADEIRA E VIU O CÉU LÁ DISTANTE,
AS NUVENS PASSANDO RUMO AO INFINITO. E IRACE-
MA ERA INTERCEPTADA POR UM GRÃO SECO SOBRE
A TOALHA. E IRACEMA PENSAVA QUE EXISTIA OUTRAS
IMENSIDÕES ALÉM DA CERCA; QUE RUMO AO INFI-
NITO AS TERRAS ERAM DIFERENTES, OS CHEIROS
MENOS ÁCIDOS E AS ESTRADAS MAIS PLANAS.
PLANARIDADE ERA IMPORTANTE PARA IRACEMA.
E IRACEMA QUERIA TER ASAS, E QUERIA TER MAIS
PERNAS, E QUERIA NÃO TER OLHOS, E QUERIA
QUE O ABISMO NÃO FOSSE EM SEU PEITO. TUDO
ISSO IRACEMA QUERIA. TUDO ISSO IRACEMA DESE-
JAVA. E TUDO ISSO CABIA EM APENAS UM QUÁ-
DRILÁTERO DA TOALHA XADREZ.
(SÃO PAULO / 06-04-10)



O ÚLTIMO VOD DO FLAMINGO (MIA COUTO)

O MUNDO NÃO É O QUE EXISTE, MAS O QUE ACONTECE. / ATRÁS É ONDE MELHOR SE VÊ
E MENOS SE É VISTO. / QUANDO O SILÊNCIO CLAREIA É QUE SE ESCUTAM OS ESCUROS
PRESSÁGIOS. / O BURRO, NA COMPANHIA DO LEÃO, JÁ NÃO COMPRIMENTA O CA-
VALO. / O QUE NÃO PODE FLORIR NO MOMENTO CERTO ACABA EXPLODINDO DEPOIS. /
SAUDADE DE UM TEMPO? TENHO SAUDADE É DE NÃO HAVER TEMPO. / OS EURO-
PEUS, QUANDO CAMINHAM, PARECEM PEDIR LICENÇA AO MUNDO. PISAM O CHÃO COM
DELICADEZA MAS, ESTRANHAMENTE, PRODUZEM MUITO BARULHO. / BURACO DE
TIRO É COMO FERRUGEM: NUNCA ENVELHECE. / DEUS ME DEU TAREFA DE MORRER.
NUNCA CUMPRI. AGORA, PORÉM, JÁ APRENDI A OBIDIÊNCIA. / A VIDA É ASSIM:
PEIXE VIVO, MAS QUE SÓ VIVE NO CORRER DA ÁGUA. QUEM QUER PRENDER ESSE
PEIXE TEM QUE O MATAR. / CONSELHOS DE MINHA MÃE FORAM APENAS SILÊN-
CIOS. SUAS PALAS TINHAM O SOTAQUE DE NUVEM. / - A IDEIA LHE POISE COMO
A GARGA: SÓ COM UMA PERNA. QUE É PARA NÃO PESAR NO CORAÇÃO. / - A VI-
DA, MEU FILHO, É UMA DESILUSIONISTA. / PARA ELA, OS FLAMINGOS ERAM ELES
QUE EMPURRAVAM O SOL PARA QUE O DIA CHEGASSE AO OUTRO LADO DO MUNDO. /
A ESCOLA FOI PARA MIM COMO UM BARCO: ME DAVA ACESSO A OUTROS MUNDOS.
CONTUDO, AQUELE ENSINAMENTO NÃO ME TOTALIZAVA. AO CONTRÁRIO:
MAIS EU APRENDIA, MAIS EU SUFOCAVA. / EU QUERIA ERA PEQUINIZAR
TRISTEZA. / - NÃO VÊ OS RIOS QUE NUNCA ENCHEM O MAR? A VIDA
DE CADA UM TAMBÉM É ASSIM: ESTÁ SEMPRE TODA POR VIVER. /



"NOSSO PAI NÃO VOLTOU. ELE NÃO TINHA IDO A NENHUMA PARTE. SÓ EXECUTAVA A INVENÇÃO DE SE PERMANECER NAQUELES ESPAGOS DO RIO, DE MEIO A MEIO, SEMPRE DENTRO DA CANOA, PARA DELA NÃO SALTAR, NUNCA MAIS. A ESTRANHEZA DESSA VERDADE DEU PARA ESTARRECEER DE TODO A GENTE. AQUILO QUE NÃO HAVIA, ACONTECIA."

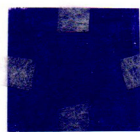
"A GENTE TEVE DE SE ACOSTUMAR COM AQUILO. ÀS PENAS, QUE, COM AQUILO, A GENTE MESMO NUNCA SE ACOSTUMOU, EM SI, NA VERDADE. TIRO POR MIM, QUE, NO QUE QUERIA, E NO QUE NÃO QUERIA, SÓ COM O NOSSO PAI ME ACHAVA: ASSUNTO QUE JOGAVA PARA TRÁS MEUS PENSAMENTOS. (...) E NUNCA FALOU MAIS PALAVRA, COM PESSOA ALGUMA. NÓS, TAMBÉM, NÃO FALÁVAMOS MAIS NELE. SÓ SE PENSAVA. NÃO, DE NOSSO PAI NÃO SE PODIA TER ESQUECIMENTO; E, SE, POR UM POUCO, A GENTE FAZIA QUE ESQUECIA, ERA SÓ PARA SE DESPERTAR DE NOVO, DE REPENTE, COM A MEMÓRIA, NO PASSO DE OUTROS SOBRESSALTOS."

"NEM QUERIA SABER DE NÓS; NÃO TINHA AFETO? (...) SENDO QUE, SE ELE NÃO SE LEMBRAVA MAIS, NEM QUERIA SABER DA GENTE, POR QUE, ENTÃO, NÃO SUBIA OU DESCIA O RIO, PARA OUTRAS PARAGENS, LONGE, NO NÃO-ENCONTRÁVEL? SÓ ELE SOUBESSE."

"OS TEMPOS MUDARAM, NO DEVAGAR DEPRESSA DOS TEMPOS."
(GUIMARÃES ROSA - A TERCEIRA MARGEM DO RIO)

VERMELHO
NOITE

IRACEMA CANSOU DAS VARIAÇÕES CLIMÁTICAS E DAS INTEMPÉRIES DO CÉU. DECIDIU QUE TERIA SUA PRÓPRIA CONSTELAÇÃO, ASSIM, MESMO DURANTE AS TEMPESTADES, IRACEMA TERIA ESTRELAS. PONTOS BRILHANTES LONGÍNQUOS E MASSAS DENSAS GOTEJANDO PODER COEXISTIR NO UNIVERSO DE IRACEMA. PARA ISSO, DESDE AQUELE DIA ESTRANHO E REVOLTOSO, ELA RECOLHE NO QUINTAL OS PONTOS BRILHANTES QUE ESTAVAM PERDIDOS. ELA PRECISA DE MILHÕES. NOS ÚLTIMOS ANOS ACHOU TRÊS: UM PEQUENO CÉU QUE NÃO RESOLVE NEM AMENIZA OS TROVÕES. NO ENTANTO, NA ESCURIDÃO DO BOLSO DE IRACEMA, ESSES POUCOS PONTOS BRILHANTES ALMEJAM FAZER MILAGRES. (SOROCABA - 18/05/10)





Figuras 3-8: Elke Coelho. *Páginas dos Caderninhos*, 2009-2012, 22,5 x 21 cm (cada).
Fonte: arquivo da artista.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Elke. [Coisas de Iracema](#). Londrina: UEL, 2017.
- COELHO, Elke. [Outras coisas de Iracema](#). Londrina: Coelho coelhos, 2020.
- COELHO, Elke. [Paisagens em Iracema](#). Londrina: Coelho coelhos, 2023.
- DIAS, Aline (Org.). [Cadernos de desenho](#). Florianópolis: Corpo editorial, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. [Todos os contos](#). Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- NETO, João Cabral de Melo. [Poesia completa](#). Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- SANTANA, Elke Pereira Coelho. [Área de risco](#). 2014. 5 v. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 5 vol., 737 p., 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-01122014-160307/publico/ElkePereiraCoelhoSantana.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- SANTANA, Elke Pereira Coelho. [Delicadezas incisivas](#): ensaios materiais com pequenos objetos cotidianos. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 213 p., 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/16394>. Acesso em: 19 ago. 2024.

Elke Coelho nasceu em 1983 na cidade de Junqueirópolis (SP), atualmente vive e trabalha em Londrina (PR). Pesquisadora, artista e professora no Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina. Possui graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (2005); especialização em Literatura Brasileira, pela mesma instituição (2007), mestrado em Artes Visuais - Poéticas Visuais - pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e doutorado em Artes Visuais – Poéticas Visuais – pela Escola de Comunicações e Artes da USP (2014). Participou de exposições coletivas e individuais. Organizadora, juntamente com Danillo Villa, do livro *Cartografias cotidianas* (2011), e autora das publicações *Coisas de Iracema* (2017), *Outras coisas de Iracema* (2020) e *Paisagens em Iracema* (2023).

E-mail: elkecoelho@uel.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2060-1295>

